

# JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XIII, nº 98, dezembro 2019 / janeiro 2020

## UMA BIOGRAFIA EXEMPLAR\*

*Fernando Py*

Depois de algum tempo meio esquecida, estamos retomando a leitura e a literatura de uma das nossas melhores ensaístas. Lucia Miguel Pereira (1901-1959) foi um nome bem sólido na inteligência brasileira e sua obra ensaística alcançou alta capacidade de análise e compreensão. Ultimamente, além de uma monografia sobre sua ficção, *O legado ficcional de Lucia Miguel Pereira – escritos da tradição*, publicou-se uma excelente biografia a seu respeito. Trata-se de *Lucia: uma biografia de Lucia Miguel Pereira*, de Fabio de Sousa Coutinho. O autor, membro do Pen

Clube do Brasil e da Academia Brasiliense de Letras, escolheu iniciar sua narrativa com a relação da morte de Lucia Miguel Pereira (e de seu marido, o historiador Otávio Tarquínio de Sousa) no desastre do Viscount da VASP, nos subúrbios cariocas de Ramos e Bonsucesso, ao chocar-se com um Fokker da FAB, no dia 22 de dezembro de 1959. Lucia Miguel Pereira pertenceu a uma família de intelectuais. Seu pai, médico, cientista e professor Miguel Pereira (1871-1918), foi o criador de sanatórios para doentes de tuberculose na localidade de Estiva, então distrito de Vassouras e hoje município de Miguel Pereira

em sua homenagem, bem como na atual cidade de Paty do Alferes, regiões onde identificou “o melhor clima do mundo”. Pela parte materna, Lucia Miguel Pereira era prima e amiga de infância de Marcos, goleiro do Fluminense e da seleção brasileira. Após encerrar a carreira como atleta, Marcos Carneiro de Mendonça tornou-se historiador, com obras de grande importância, sobretudo a respeito do Brasil Colônia. A filha de Marcos, Bárbara Heliodora, foi renomada crítica teatral e grande tradutora de Shakespeare.

Continuação na página 3

## UM OLHAR PARA A BULGÁRIA NA LITERATURA BRASILEIRA

*Rumen Stoyanov*

A referida presença nossa, lamentavelmente, é escassa, mas isto não significa não termos ideia alguma a respeito; ao contrário, sendo pequena, permite abrangê-la facilmente e ver seu lugar nas relações literárias e culturais búlgaro-brasileiras. Antes de mais nada, gostaria de dizer que se trata não de traduções ao português naquele enorme país, senão de temática búlgara na sua poesia e narrativa, deixando de lado, por impossíveis de trazer, publicações jornalísticas.

Pois, comecemos pela arte versificada. Em 1928 Fernando de Saxe Coburg Gotha faz uma viagem particular ao Brasil (segunda, a primeira realiza no século anterior, por motivo do casamento dum irmão dele). Abaixo do equador leva-o a paixão pelas ciências naturais. O jornal de Sónia *Utro (Manhã)* dá no dia 20/7/1928, número 5675,

a nota:

Continuação na página 8

## RECORDAÇÕES DE UM CAIXEIRO DE LIVRARIA

*Pedro Rogério Moreira*

O lançamento, pela TV Globo, da novela *Éramos seis* mexeu no fundo das recordações de um caixeiro, ou como se diz hoje, balconista, da livraria dos tios em Belo Horizonte, a Livraria Editora Itatiaia. Vendi muitos exemplares deste livro. Foi o meu primeiro emprego, e com carteira assinada, salário-mínimo oficial do menor de idade, CR\$ 5.936,00, acrescidos de 1% sobre as vendas mensais. De modo assim aquele romance brasileiro, um *best seller* permanente, acrescentou ao bolso alguns cruzeiros gastos no cinema, no *milk sheik* da Camponesa e nos sapatos mocassins, uma novidade irresistível para a rapaziada classe média.

O documento que fui pegar no baú é um dos meus encantamentos de setentão: a **Carteira de Trabalho do Menor**, emitida na data de 5 de abril de 1962, Governo João Goulart. É uma curiosa peça social. Há duas páginas dedicadas à legislação sobre os locais proibidos ao trabalho do menor. Este não poderia trabalhar em matadouros, em pedreiras, em subterrâneos, em esgotos, em locais poeirentos e naqueles em que se produzem elementos químicos os mais diversos. É extensa a lista de proibições para preservar a saúde da garotada trabalhadora. No entanto, não há menção a casas de espetáculos, nem ao menos ao teatro reboado, onde, por suposto, qualquer menino podia ser faxineiro dos

camarins das vedetes e se extasiar com as coxas de fora que mexiam com nossa imaginação e mexiam com outros mecanismos físicos. Inexistia no rol do então Ministério do Trabalho e Previdência Social qualquer proibição de cunho moral ao menor trabalhador. Não sei se é assim até hoje; tomara que seja ou tomara que não denunciem a lacuna à besta quadrada do atual ministro da Educação e da estapafúrdia ministra da Família. De sorte que o Pedrinho pode trabalhar numa enorme e vistosa livraria onde a pornografia, a obscenidade, o erotismo ou que nome queiram dar a estas manifestações do espírito campeavam soltas na prateleira de baixo de uma estante discreta no fundo da loja. Era uma das duas estantes de minha predileção. A outra estante também ficava em local discreto, pois afinal Minas Gerais era o Estado mais conservador e religioso, e a Itatiaia comercializava canonicamente: tratava-se da seção de Ocultismo, na qual o livro mais procurado era *A Cruz de Caravaca* ou seus concorrentes, *A verdadeira Cruz de Caravaca*, *A única e verdadeira Cruz de Caravaca*, *A poderosa Cruz de Caravaca* etc. A concorrência entre os impressores sabichões era intensa e criativa. E o caixeiro, ó, só embolsando a comissão de 1%! Uma outra obra de grande saída era *O livro de São Cipriano*, cujas receitas de mezinhas ofereciam o saneamento de todos os males individuais.

Continuação na página 5

# AUTORES E LIVROS ESQUECIDOS

M. Paulo Nunes

**T**ristão de Athayde, em um de seus artigos para o suplemento literário "Letras e Problemas Universais", do extinto *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, pelo qual acompanhávamos o movimento literário e de ideias, nas décadas de 40 e 60, escreveu certa feita a respeito dos livros medíocres que ganham notoriedade, em determinada época, citando entre eles, *O livro de San Michele*, de Axel Munthe, e *Um mundo só*, de Wendell Willkie, candidato derrotado na última eleição presidencial de Franklin Roosevelt.

Também estive pensando nos autores famosos para a minha geração, considerados àquela época a última palavra em termos de expressão literária e hoje completamente esquecidos.

Lembrei-me assim de Romain Rolland, cujo martírio, num campo de concentração nazista, na Segunda Guerra Mundial, comoveu o mundo inteiro. Dele, lemos *Jean Christophe*, numa bela tradução da Livraria Globo, e constituía para nós, àquele tempo, uma espécie de bíblia do humanismo. Do mesmo autor li também, por essa época, outro romance, *Clerambault (Uma consciência contra a violência)*, um belo libelo contra a intolerância de qualquer matiz, político ou ideológico. Hoje em dia ninguém mais fala nesse autor.

Outro romancista de nomeada, da mesma fase, foi o inglês Somerset Maugham, autor de um livro que se tornou a coqueluche daquele momento – *Servidão humana*, a história de um médico, levado à tela cinematográfica com os grandes atores Leslie Howard e Bette Davis, nos papéis principais, de Philip e Mildred. Do mesmo autor fizeram sucesso *Um gosto e seis vinténs*, que retrata a vida do pintor Paul Gauguin, *O fio da navalha*, estrelado no cinema por Tyrone Power e Gene Tierney, e os contos admiráveis de *Chuva*, convertido em filme e peça de teatro, entre nós representada pela grande Dulcina de Moraes, no papel principal, *História dos mares do Sul* e *Férias de Natal*. Quem ainda fala de Maugham hoje em dia?

Abordando o mesmo tema – a vida de um médico – é o romance, que se tornaria o grande *best-seller* daquela época, *A cidadela*, de A. J. Cronin, autor também de *Noites de vigília*, focalizando o mesmo cenário dos hospitais, e *As chaves do reino*, todos levados à tela, com sucesso, o primeiro, na magnífica interpretação de Robert Donat, e o último, protagonizado por Gregory Peck.

Entre os romancistas ingleses, tornar-se-ia igualmente famoso, na fase a que nos reportamos, Charles Morgan, que reinterpreta o platonismo em nossos dias, com os grandes romances que fizeram época – *Sparkenbrook* (que belo livro!), *A fonte*, revivendo um episódio da Primeira Guerra, cuja ação decorre na

Holanda, *A viagem* e ainda *Retrato no espelho*, todos aparecidos em boas traduções da Livraria Editora Globo, de Porto Alegre e hoje totalmente esquecidos.

Outro renomado autor lido nesse período foi o romancista francês Roger Martin du Gard, com *Os Thibault*, *Jean Barois* e *Monsieur Ouine*, que mereceram notáveis críticas de Álvaro Lins, em seu *Jornal de Crítica*.

Igualmente, em relação ao romancista alemão Thomas Mann, cuja mãe brasileira, nascida em Parati, Júlia da Silva Bruhns, tanto lhe marcaria o temperamento, vai-se aos poucos abrandando aquele antigo fervor com que foram lidos, naquela fase, *A montanha mágica*, *Os Buddenbrook*, *Doctor Faustus* e a famosa tetralogia bíblica – *O jovem José*, *José e seus irmãos*, *José no Egito* e *José, o Provedor*.

Convém não esquecer também os famosos *best-sellers* que fizeram época, como *Grande hotel*, da norte-americana Vicki Baum, estrelado no cinema pela sempiterna Greta Garbo, e *Rebecca* – *A mulher inesquecível*, da inglesa Daphne du Maurier, plágio comprovado, segundo o já citado Álvaro Lins, em estudo contundente, no *Jornal de Crítica*, do romance *A sucessora*, da brasileira Carolina Nabuco. Levado à tela na interpretação dos grandes atores Laurence Olivier e Joan Fontaine, constituiu um dos maiores sucessos do cinema.

Incluiria ainda, nesta breve recensão que não pretende esgotar o assunto, os romancistas norte-americanos que tiveram bastante voga naquele período, de que se destacam os nomes de Sinclair Lewis, John Steinbeck e Ernest Hemingway. O primeiro se notabilizaria com o romance *Babbitt*, o retrato perfeito e acabado do burguês americano, e *O Dr. Arrowsmith*, outra excelente história de médico. Steinbeck, com *As vinhas da ira* e *A Leste do Éden*, tendo o primeiro originado um dos clássicos do cinema, protagonizado por Henry Fonda. Hemingway se distinguiria sobretudo com os romances *Adeus às armas*, baseado em episódio da Grande Guerra, *Por quem os sinos dobram*, tendo como cenário a guerra civil espanhola e protagonizado, na tela, pela bela Ingrid Bergman, no esplendor de sua carreira, e o ator Gary Cooper, e a novela *O velho e o mar*, uma pequena obra-prima, de que resultou o filme estrelado pelo grande ator Spencer Tracy, no papel do velho pescador Santiago. Desses três autores, apenas Hemingway continua a desfrutar hoje em dia de alguma notoriedade, não obstante todos eles hajam sido agraciados com o Nobel, embora tal circunstância nada signifique em termos de juízo literário ou preferência do público leitor.

E os autores esquecidos da nossa literatura ou da portuguesa? Será este assunto da próxima conversa.

## Soneto do Mês

### A DOR

Brant Horta



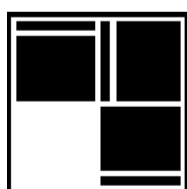
Dor! excelso crisol de uma alma forte,  
do tímido o terror, do justo o encanto:  
para este, um gozo idolatrado e santo...  
para aquele, sinônimo de morte.

Água lustral do pecador sem norte,  
clarão nas trevas e na luz um canto!  
Dor! blasfemam-te os homens, e, no  
[entanto,  
és dos bons a benévola consorte.

Ó grande Dor! meu canto de esperança,  
de Deus misericórdia e graça imensa,  
dados à alma ditosa que te alcança,

bendita sejas com teu doce arcano,  
que nos alenta e nos apura a crença  
e faz um semideus de um ser humano!

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer  
CEP 70390-078 – Brasília – DF  
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642  
E-mail: ane.df@terra.com.br

29ª DIRETORIA  
2019-2021

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho  
1º Vice-Presidente: Roberto Nogueira Ferreira  
2º Vice-Presidente: Edmilson Caminha  
Secretária-Geral: Sônia Helena  
1º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto  
2ª Secretária: Noélia Ribeiro

1º Tesoureiro: Salomão Sousa  
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza  
Diretor de Biblioteca: Gilmar Duarte Rocha  
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira  
Diretora de Divulgação: Vera Lúcia de Oliveira  
Diretor de Edições: Afonso Ligório  
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronimo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 98 – dezembro 2019 / janeiro 2020

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho  
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,  
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e  
Fabio de Sousa Coutinho

Diagramação

Bruno Eustáquio

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 3 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante - Brasília - DF - CEP: 71736-303  
(61) 98625-2636 / 3386-0459 - grupoeeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

# UMA BIOGRAFIA EXEMPLAR\*

Fernando Py

Continuação da página 1

J á na infância, Lucia escrevia e lia bastante, elegendo o francês como segunda língua. Em 1927 publicou seus primeiros textos na revista *Elo*, das antigas alunas do Colégio Sion, onde estudara. Para a revista, ela escreveu alguns artigos que já prenunciavam a grande ensaísta do futuro, principalmente o estudo sobre Euclides da Cunha. Mais tarde, em 1931, passou a colaborar com a revista *Boletim de Ariel*, então dirigida por Agrippino Grieco e Gastão Cruis. Foi quando começou a levar a sério o ato de escrever e logo seu nome se espalhou: Lúcia publicou um romance, intitulado *Maria Luisa*, e, no mesmo ano (1933), seu melhor texto ficcional, o romance *Em surdina*. Seu último romance, o quarto, *Cabra-cega*, foi publicado em 1954. Após a sua morte, a Editora da Universidade do Paraná editou toda a ficção romanesca da autora no volume intitulado *Ficção reunida*. Em 1934, conheceu Otávio Tarquínio de Sousa, recém-desquitado da futura escultora Maria Martins, e os dois passaram a um namoro reservado, pois a sociedade da época estigmatizava o historiador pela sua condição de desquitado da mulher legítima. Embora nunca tivessem filhos, Lucia e Otávio foram, na prática, pais de Antônio Gabriel de Paula Fonseca, filho de Lucia, que era filha do primeiro casamento de Otávio. De todo modo, Lucia e Otávio viveram 25 anos de grande amor e felicidade: dentre os restos deixados pelo Viscount, foi possível identificar as mãos de ambos entrelaçadas e com as alianças – Lucia e Otávio tinham se casado no Uruguai, em 1939.

Em 1936, Lucia alcançou o ponto máximo de sua obra de ensaísta: o livro *Machado de Assis, estudo crítico e biográfico*, que lhe valeu a consagração definitiva. O ensaio, que teve cinco edições em vida da autora, apresenta até hoje a biografia mais extensa e completa do autor de *Dom Casmurro*. Ademais, a autora pôde sempre contar com elogios críticos uniformes quanto à importância histórico-literária da obra, que chega a ser considerada fundamental para o estudo do nosso maior escritor. A seguir, o biógrafo Coutinho estende-se sobre Machado e sua obra e, depois, mostra como a segunda edição do ensaio de Lucia, em 1939, fez o texto ganhar “praticamente sua forma definitiva, depois de incorporar a leitura de documentos que fizeram parte da Exposição do Centenário de Machado de Assis”. E neste mesmo ano Lucia estreou como autora de livros dedicados a crianças, com *A fada menina*. Seguiram-se mais três livros, todos de 1943: *A floresta mágica*, *Maria e seus bonecos*, e *A filha do Rio Verde*.

Animada com o êxito de seu trabalho sobre Machado e interessada na obra de Gonçalves Dias, Lucia Miguel Pereira se dispôs a novo texto ensaístico. Em *A vida de Gonçalves Dias* – que, segundo Otto Maria Carpeaux, é uma “biografia definitiva” – a autora se valeu, em grande parte, do arquivo de M. Nogueira da Silva e, assim, realizou uma obra sólida, extremamente bem documentada, otimamente recebida pela crítica em geral. Manuel Bandeira, Álvaro Lins, Sérgio Milliet não pouparam elogios ao livro, acompanhados por ninguém menos que Graciliano Ramos. Ainda em 1943, proferiu uma conferência intitulada *Ensaio de interpretação*

*da literatura norte-americana*, no mesmo ano publicado em plaquete pela Sociedade Felipe d’Oliveira. Dele afirmou Luciana Viégas que a autora procurou e conseguiu “derribar preconceitos, destruir ideias falsas, desmanchar juízos errôneos.”

Apesar da consagração literária, Lucia foi sempre uma pessoa humilde, não dando maior relevo à premiação que recebia. Ainda em 1943, saiu a terceira edição de seu *Machado de Assis*, onde, no prefácio escrito, afirmou que “na sua essência, o livro é o que saiu em 1936. (...) Poder-se-á dizer mais e melhor de Machado de Assis, mas o que aqui ficou dito não será desmentido”. E, em 1944, Lucia Miguel Pereira iniciou sua participação no plano geral da grandiosa *História da literatura brasileira*, que, sob a direção de Álvaro Lins, a editora José Olympio pretendia publicar. Coube a Lucia escrever sobre a ficção em geral no período de 1870 a 1920, ou seja, desde a passagem do romantismo para o realismo até os prenúncios modernistas. O livro, com o título: *História da literatura brasileira* e subtítulo: *Prosa de ficção (1870 a 1920)*, foi editado em 1950 como volume XII, teve recepção bastante favorável da crítica especializada. Entretanto, o projeto da editora José Olympio não foi avante.

Em 1952, saiu a edição *princeps* (póstuma) do romance *Dona Guidinha do Poço*, do cearense Manoel de Oliveira Paiva (1861-1892), com prefácio de Lucia e posfácio de Américo Facó. No prefácio, Lucia relata minuciosamente sua luta não só para obter os originais, como para conseguir editor para o romance. É dela o maior mérito para a avaliação e publicação do livro, que hoje alcançou lugar de distinção permanente na nossa literatura. Por outro lado, Fabio de Sousa Coutinho abre todo um capítulo para comentar com detalhes “a melhor, a maior e mais reveladora entrevista de sua vida” que a escritora, em 1944, concedeu a Homero Senna. Provocada pelo entrevistador, falou sobre os seus principais trabalhos e sobre aspectos da literatura em geral, entrevista que foi publicada em *Revista*, espécie de suplemento cultural de *O Jornal*.

Também grande admiradora da obra do português Eça de Queiroz, Lucia colaborou igualmente no *Livro do Centenário de Eça de Queiroz* (1945), volume organizado por Lucia Miguel Pereira e Câmara Reis. Na sua elaboração e composição se reuniram diversos escritores de nomeada, tanto brasileiros como portugueses. Dentre os primeiros, destacou-se o nome de um jovem professor de 27 anos, primo de Lucia, Antônio Cândido, futuro luminar das nossas letras. A seguir, Fabio de Sousa Coutinho mostra a importância de Lucia na criação do MAM (Museu de Arte Moderna), no Aterro do Flamengo, e seu contato pessoal com a escultora Maria Martins – primeira esposa de Otávio. Lucia foi bibliotecária do MAM até 1959. E a obra da extraordinária ensaísta teve continuação. Em 1952, Lucia escreveu um “magnífico prefácio” para o volume XVII, *Ensaístas ingleses*, da coleção Clássicos Jackson, onde lembrou que o gênero ensaio, embora não nascido na Inglaterra, foi ali que melhor floresceu. E, no mesmo ano, sua leveza e erudição também ficaram patentes no seu *Cinquenta anos de literatura*, visível obra de continuidade a *Prosa de ficção*, acima comentado, sobretudo pela

comparação de três romancistas preocupados com a seca: Coelho Neto, José Américo de Almeida e Graciliano Ramos. Além deles, a autora assinala o pioneirismo de Manuel Bandeira em *Carnaval* (1919) e refere alguns dos jovens poetas de então, especialmente João Cabral de Melo Neto, Ledo Ivo, Geir Campos e Thiago de Melo. E, na prosa, distingue o nome de Clarice Lispector e suas ousadas experiências verbais. Assim, em 1952, Lucia “diagnosticou nossa evolução literária, vislumbrou caminhos e vertentes da estética”.

Seduzidos pela região serrana fluminense, o casal Lucia-Otávio adquiriu (1950) um terreno na Samambaia, em Petrópolis, onde construíram uma casa que não só lhes serviu de refúgio nos fins de semana, como local de recepção de amigos e vizinhos. Assim fizeram amizade com escritores brasileiros como José Barreto Filho, Gustavo Corção e, principalmente, a poetisa norte-americana Elizabeth Bishop. Em 1955, saiu a quinta edição do ensaio biográfico *Machado de Assis*, a última que Lucia viu antes de morrer. Fabio Coutinho fala ainda da Lucia tradutora, encarecendo a sua tradução do último volume de *À la recherche du temps perdu*, de Proust, com o título de *O tempo redescoberto*. Concluído o trabalho de tradução, que para ela se transformara “em inefável prazer intelectual”, Lucia soube da edição da *Recherche*, em 1954, na França, pela coleção La Pléiade, da Gallimard, com textos revistos e anotados por Pierre Clarac e André Ferré. “Zelosa de sua reputação profissional, Lucia Miguel Pereira procurou a Livraria do Globo na expectativa” (...) de ainda poder rever sua tradução. Infelizmente, não conseguiu e, logo que saiu a tradução, protestou contra o procedimento da Editora Globo, inclusive porque discordava do título.

As últimas páginas do livro relatam, com detalhes, os dois dias finais do casal Lucia-Otávio e terminam com os agradecimentos do autor pela colaboração de tantas pessoas na redação final. Com isto, o leitor chega à cláusula da obra com a certeza de que trilhou um trabalho magnífico, pois não há dúvida de que se trata de uma biografia exemplar.

\* *in* RAÍZES *Jornalismo Literário* (2008-2018), Ibis Libris, Rio de Janeiro, 2019.

## DIA MUNDIAL DO IDOSO

J. Peixoto Jr.

A velhice é uma beleza!...  
faz anos que entrei nela,  
eu nem me dou conta dela,  
embora dê mais despesa;  
caduquice ou caduqueza  
melhor será não pensar,  
bom mesmo é comemorar  
enquanto a vida se estica,  
quanto mais velho se fica,  
mais velho se quer ficar.



## LITERATURA E CINEMA

**N**a Quinta Literária de 17 de outubro de 2019, o associado e cineasta Pedro Jorge de Castro fez palestra em que apresentou e comentou passagens de três de seus filmes mais conhecidos, a saber, *Tigipió*, *O Calor da Pele* e *O Sinal da Cruz*.

A experiência pioneira de cinema em nossa casa de escritores, com exibição de filmes, está documentada na foto ao lado, que registra o Presidente da ANE, Fabio de Sousa Coutinho, confraternizando com o ilustre palestrante daquela noite.



## POR QUEM OS SINOS DOBRAM\*

*Fabio de Sousa Coutinho*

**O** formidável novelista de *O Fantasma de Licânia*, o impagável cronista de *Uma garça no asfalto*, o irreprochável contista de *Separação* e o caprichoso editor da Sarau das Letras têm agora, com a vinda a lume de *Sinos* (Campanas), a companhia intelectual de um luminoso poeta, todos reunidos na mesma pessoa natural e solidária: o escritor, meio cearense, meio potiguar, Clauder Arcanjo.

Transitando com desembaraço de mestre por alguns dos gêneros mais altos da arte literária,

Clauder é, também, um infatigável operário das letras, cultivando-as e divulgando-as com a paixão e o vigor de quem cuida das coisas do espírito na linha do entendimento que sobre elas sintetizou o pensador espanhol Ortega y Gasset: “a cultura é uma necessidade imprescindível de toda vida, é uma dimensão constitutiva da existência humana, como as mãos são um atributo do homem.”

A publicação da obra que o leitor tem em mãos nos aproximou de fatura lírica de primeira ordem, como raramente surge na escrita brasileira

contemporânea, a merecer a bela versão para o idioma espanhol que torna este livro de Clauder Arcanjo uma autêntica preciosidade, poesia para ser lida e relida, em dois nobilíssimos idiomas, em Fortaleza, Mossoró, Salamanca e em outros tantos redutos onde a (boa) dicção poética faz dobrar a indispensável reverência à melodia transcendental dos sinos.

\* Apresentação do livro *Sinos/Campanas*, de Clauder Arcanjo, Sarau das Letras, 2019.

## TRINTA ANOS DE LINGUAGEM VIVA

*Napoleão Valadares*

A Academia Brasileira de Letras – ABrL tem a honra de saudar o jornal *Linguagem Viva* em seus trinta anos de existência. E também se sente feliz por ter a oportunidade de compartilhar da alegria de ver esse mensário chegar às suas três décadas tão vigoroso, divulgando a cultura de forma elegante e honesta.

*Linguagem Viva*, que serve à cultura por tanto tempo, demonstra que os jornais literários nem sempre têm vida efêmera. Tivemos outros exemplos, como o *Jornal de Letras*, dirigido pelos irmãos Condé, a revista *Literatura*, sob o comando de Nilto Maciel, entre alguns outros arautos da literatura, que desafiaram o tempo. Sabemos não ser fácil a luta que se enfrenta na manutenção de tais publicações, pois, via de regra, não recebem ajuda de órgãos governamentais nem patrocínio de particulares.

Mas, graças à tenacidade de Adriano Nogueira e à persistência de Rosani Abou Adal, o jornal

*Linguagem Viva* vem desafiando dificuldades, vencendo batalhas e conquistando vitórias há trinta anos. Caso raro sim, mas se explica: a longevidade de um jornal literário acontece em razão do idealismo de quem o dirige. O idealista não mede sacrifícios, porquanto tem em mente a realização da missão que abraçou e luta diariamente para a consecução daquilo que pretende.

Com altos e baixos, passando por tempos bons e ruins, às vezes quase caindo, mas se erguendo sempre, *Linguagem Viva*, assim como a nossa Academia, tem lutado e vencido. Importante é o espírito de levar em frente. E é esse espírito que conduz à vitória as instituições literárias e os órgãos de divulgação cultural.

Aqui, nosso reconhecimento ao trabalho de Adriano, nossa solidariedade a Rosani, nossos parabéns a *Linguagem Viva*.

## O PÁSSARO PENSA

*José Godoy Garcia*

O pássaro pensa que as chuvas  
viajando chegaram,  
que no lombo dos ventos  
águas dos rios viajaram,  
que chuva é viagem dos rios  
nos caminhos por onde eles sempre  
andaram; arco-íris é encontro dos rios  
muito por cima onde eles sempre  
andaram; que os verdes, amarelos, vermelhos  
rios se juntaram, frutas e peixes e flores  
que os rios para o arco-íris levaram.

# RECORDAÇÕES DE UM CAIXEIRO DE LIVRARIA

Pedro Rogério Moreira

Continuação da página 1

**M**eu tio, o poeta Edison Moreira, era o gerente da loja; o outro sócio, tio Pedro Paulo, se encarregava da parte editorial. Duas personalidades distintas. Pedro Paulo, sem ser literato, valendo-se apenas do seu tino comercial, se dedicava a construir uma notável *brasileira*, na qual reeditou os viajantes europeus que percorreram o Brasil desde antes da Colônia, e cujos livros há décadas estavam esgotados. De romancistas, só os de elite, como Boris Pasternak do *Doutor Jivago*, a obra completa de Eça de Queiroz ilustrada pelo pintor Haroldo Mattos, os clássicos mineiros de sempre e os modernos. Enquanto isto, o irmão intelectual cuidava de versejar belos poemas e de administrar a loja de modo liberal e libertário. O tio poeta me flagrou inúmeras vezes agachado, fingindo arrumação de livros na estante dos ditos *romances fortes*, mas na verdade lendo escondido um trecho de trepidante ação entre duas lésbicas (assim se dizia, pois o vocabulário brasileiro não criara nada como homossexualidade feminina, opção sexual diversa, LBTG etc. A mulher era lésbica e o homem pederasta, ponto final). As páginas licenciosas lidas à sorrelfa pelo balconista menor de idade eram de autoria da inesquecível Cassandra Rios. Ou era *Carne em delírio* ou *Tara*. Só pelos títulos já conquistava o leitor.

– Vai trabalhar, seu sacaneta! – ralhava meu tio Edison com sua generosa permissividade, ou com seu absoluto respeito pela liberdade cultural, assegurada ao sobrinho de quinze anos de idade.

O flagrado, obediente, recolhia o livro à estante, retornava ao posto de trabalho, no balcão, e via o tio folheando as páginas que regalara os sentidos mais primitivos do sobrinho. Que narrativa a de Cassandra Rios! Que força criadora! Que vontade de conhecer a escritora!

Este nariz de cera é para chegar ao *Éramos seis*, da escritora paulista Maria José Dupré, ou Sra. Leandro Dupré, ou ainda Madame Dupré, outros nomes literários pelos quais tornou-se famosa pela autoria do romance que deu origem à novela que vai ser exibida pela TV Globo. É a quinta versão televisada desta obra que vendeu milhares de cópias desde sua publicação em 1942. Sucesso tão grande levou o cinema argentino a produzir um filme em 1946. O balconista Pedrinho vendeu muitos exemplares do *Éramos seis*, especialmente para senhoras de respeito. Nesta matéria, as moças de respeito preferiam adquirir os romances água com açúcar de Madame Delly. Madame Delly! Ora, só agora estou sabendo que não existia nenhuma Madame Delly, este era o pseudônimo dos irmãos franceses Frederic e Jeanne de la Rosière, *best sellers* desde o começo do século 20 em muitos países europeus e no Brasil, talvez em todo o planeta.

Mas ainda não cheguei onde pretendo; e não é falar do justamente celebrado *Éramos seis*, que é um romance de costumes sobre as transformações operadas na sociedade brasileira (ou mais especificamente paulista) ocorridas entre as duas guerras mundiais. Madame Dupré descreveu com perfeição as relações sociais neste período e por isso mereceu o Prêmio Raul Pompéia da Academia Brasileira de Letras em 1946.

## Capa do livro de Carlos Zéfiro

O que quero mesmo é tirar do fundo do baú o *Éramos três*. Este, porém, não estava disponível na Itatiaia, a meninada o adquiria só nas bancas de jornais, veladamente. O autor, esperto, surfou no título de grande sucesso de Madame Dupré. Mas o conteúdo era outro! Escrevi autor, mas o Google esclarece que dois escritores deram idêntico título a obras suas. O primeiro deles é Carlos Zéfiro, celebrado desenhista de livrinhos de alta pornografia e enorme consumo no leitorado masculino de todas as idades. Sua imensa bibliografia é agora exaltada pelos críticos que o leram e apreciaram suas ilustrações para além da obscenidade. É hoje merecidamente um autor *cult*.

O segundo autor de livro com o mesmo título e teor igualmente pornográfico assinou-o como Brigitte Bijou, pseudônimo do humorista, ator e escritor Paulo Silvino, bastante conhecido pelos telespectadores dos programas humorísticos da Globo, excelente figura humana, falecido no ano passado. Quanto riso demos com as interpretações impagáveis de Paulo Silvino!

Retorno à estante discreta da Livraria Itatiaia, onde lia escondido os romances de Cassandra Rios. Paulista como Madame Dupré, sua especialidade literária, porém, nada tem em comum com aquela. Cassandra só escrevia sobre o amor entre mulheres. Mas ambas as escritoras de São Paulo não eram antípodas. Paradoxalmente, há aproximações com a autora “séria” do *Éramos seis*, pois a romancista de *Volúpia do pecado* também discorria sobre as transformações sociais no Brasil ocorridas no âmbito da sexualidade. E nesta matéria foi pioneira. Quem ousaria escrever sobre o que era tabu na década de 1950? Só a destemida Cassandra Rios!

Meu secreto desejo de conhecer Cassandra Rios infelizmente nunca foi concretizado. Perdi. No dia 2 de março de 2002, ao tomar conhecimento de sua morte, o antigo caixeiro de livraria escreveu no seu diário umas anotações que agora reproduzo.

Cassandra Rios foi um retumbante sucesso editorial durante pelo menos vinte anos, de meados de 1950 até meados de 1970. Um romance dela atingia a marca de trezentos mil exemplares. Ela não perseguia sucesso de crítica. Só pretendia escrever, e tornou-se escritora profissional aos dezesseis anos de idade. No Brasil daquela época pouquíssimos escritores podiam vangloriar-se desta feliz condição. Integravam essa plêiade os romancistas Érico Veríssimo e Jorge Amado, e o poeta popular J. G. de Araújo Jorge, injustamente esquecido. Cassandra Rios formava com eles o quarteto campeão de vendas na Itatiaia. Nem *A Poderosa Cruz de Caravaca* podia competir com sua capa chamativa cheia de caveiras que eu adorava mais ver do que ler. Sabe como é, menino gosta de ver ilustrações impudicas e de caveiras também. A mais vistosa caveira estampava *O livro de São Cipriano*.

Os homens liam Cassandra em busca de puro deleite sexual. Mulheres também a liam, mas tinham vergonha de comprar os livros diretamente no balcão do Pedrinho. E então pediam a um amigo para fazê-lo. Haveria de ser mesmo um amigo do peito, pois juraria jamais revelar o pecado, de que era apenas o portador. Se a leitora fosse moça de família, a primeira

providência seria encapar o livro com papel florido, com o objetivo de escondê-lo dos pais e, eventualmente, dos professores.

O sexo feminino podia buscar na leitura de Cassandra o mesmo deleite masculino, mas, frequentemente, juntavam ao prazer oculto uma dose de curiosidade, eu diria científica. Pois a notável escritora compunha um texto pedagógico, suprimindo os leitores de ambos os sexos com informações normalmente songadas aos não-iniciados naquilo que a cafajeste masculina dos anos 70 passou a chamar de *briga de aranhas*. Cassandra desceu aos detalhes de suma importância na arte de Kama Sutra, como o modo de acariciar e os meneios com certos dedos das mãos.

Também nos ensinou a beijar na orelha. Há muitos homens que até hoje não sabem beijar orelha de mulher. Contava-se no Automóvel Club o caso de um certo Afrânio de Uberlândia que num baile de carnaval enfiou a língua onde não devia e engasgou com o brinco de uma odalisca. Não leu Cassandra Rios.

Queiram ou não os críticos que a desprezaram e a ditadura militar que proibiu seus livros, a escritora de romances populares conquistou um lugar no coração de milhares de leitores. Desde que escreveu seu primeiro livro numa idade em que as moças gramavam no ginásio de freiras ou se aperfeiçoavam na Escola Normal, Cassandra nunca pretendeu ser mais do que foi: uma criadora de entretenimento. E nesta matéria ela foi mestra.

Cassandra Rios, filha de espanhóis, cujo nome verdadeiro era Odete Rios, foi um espírito muito à frente de seu tempo. Derrubadora de muros, este é o aspecto que merece ser destacado na vida desta paulista que foi para o céu dos escritores aos setenta anos de idade. O negócio lá em cima ferveu à beça!

Louvando *Éramos seis* e *Éramos três*, e os romances de Cassandra Rios, estamos louvando a criação literária brasileira no que ela tem de mais genuíno: oferecer a todos o que cada um escolhe para o deleite da leitura. Democraticamente.

## O SONO DOS PEIXES

Ronaldo Costa Fernandes

Meu temor:  
os que naufragam em seco,  
os que se afogam na sede,  
os que vivem em suicídio.

Eu, na correnteza do sonho,  
mergulho na paixão seca,  
feita de cadeiras vazias.

Por que só se aprende  
com o negro dos quadros?

# A GEOGRAFIA USADA POR ESCRITORES (2)

Aldo Paviani

**P**rossequindo no exame de escritores que utilizam cartografia, geografia, política e história em seus textos, desejo dar continuidade, agora com texto de autor brasileiro. No texto anterior, examinei como o escritor italiano Umberto Eco tratou o território em livro traduzido para o português – *História das Terras e Lugares Lendários* (Editora – Record, 2013).

No presente escrito, ocorreu-me de verificar o tratamento geográfico de autor brasileiro, Joaquim Maria Machado de Assis, em uma de suas obras mais conhecidas. A obra escolhida foi *Quincas Borba* (Editora Globo, 2008). O livro é emblemático, pois registra os lugares e o interior dos mesmos, no caso, o **Rio de Janeiro** do século XIX. Bem a propósito, o livro traz uma foto de 1865, que é o marco do **Rio de Janeiro**: o Aqueduto da **Lapa – Santa Tereza e Glória** – com seus casarões e torres de igrejas, existentes à época, em 336 páginas e 201 capítulos. A capa se desdobra para poder conter, como se fosse a quarta capa, toda a extensão do Aqueduto da Lapa – ícone urbanístico e parte da paisagem do Rio de Janeiro antigo. Com este escrito desejo percorrer os lugares geográficos da narrativa inscrita em *Quincas Borba* por Machado de Assis, destaco brevemente o prefácio – que antecipa a trama dessa obra.

Ao longo de 24 páginas, o prefácio da obra é de autoria de Willi Bolle. O início se dá na apresentação do personagem central da história – Pedro Rubião de Alvarenga – e refere **Barbacena – Minas Gerais** – a cidade natal do professor Rubião. Da cidade mineira, Rubião viajou de trem rumo ao **Rio de Janeiro**. Sobre essa viagem – descrita no Capítulo 21 – ela é importante porque, na estação de **Vassouras**, toma o trem um casal que será o pivô do drama e perdição de Rubião. Trata-se de Cristiano de Almeida e Palha e sua bela esposa Sofia. Willi Bolle faz o ordenamento cronológico da trama ao narrar como Palha (considerado o “zangão”) passa a utilizar espertamente a esposa Sofia para ser a “borboleta”, que se faz atraída pelas luzes da herança recebida por Rubião do filósofo e humanista Quincas Borba. Ingenuamente, Rubião refere a fortuna herdada, durante a viagem de trem para o **Rio de Janeiro**. Nesse prefácio, Bolle destaca o fascínio que Sofia despertou em Rubião e a narrativa é centrada nesse aspecto para que se entenda a ascensão do simples professor – Rubião – à fortuna herdada. A riqueza posta em suas mãos vai sendo, sendo explorada pelo matreiro casal, que se apossa de seu cabedal para administrá-lo, em proveito próprio, enquanto atende os seguidos pedidos de muitos “contos de réis” feitos por Rubião, que acaba esbanjando toda a fortuna e enlouquecendo.

Em sequência ao prefácio o leitor encontrará o “Prólogo da Terceira Edição”, em que Machado de Assis justifica a manutenção de Sofia nesta obra.

No primeiro capítulo, Machado de Assis descreve Rubião sendo prestativo nas tarefas de enfermeiro de Joaquim Borba dos Santos (o Quincas Borba), inclusive lendo os jornais vindos de **Ouro Preto** ou da Corte. Quincas Borba, nas conversas com Rubião, faz referência à morte de sua avó, no **Rio de Janeiro**, atropelada pelas “bestas de uma sege” – que era meio de locomoção à época. Com o anúncio da morte de Quincas Borba (capítulo 10), e com a posse de polpuda herança, Rubião decide mudar-se para a “Corte”, i. e., para o **Rio de Janeiro**. E é nessa mudança

e viagem de trem, que conhece os que o haverão de explorar. A começar pelo convite de Rubião para que o casal o acompanhe à **Europa**, onde faz comparação entre **Paris e Londres** com a Corte brasileira.

Ao longo dos capítulos, Machado de Assis, entremeia a geografia de lugares de modo repetitivo. De **Barbacena** ao **Rio de Janeiro**, passando por **Vassouras**, pois são os territórios habituais dos personagens. Assim, no primeiro capítulo, Machado de Assis descreve Rubião, pensativo, contempla a enseada de **Botafogo** como primeiro lugar da geografia do **Rio de Janeiro**, vestindo um chambre e calçando “umas chinelas de **Túnis**”. Divagava ao cotejar seu passado de professor ao presente, de capitalista, em razão da fortuna recebida de Quincas Borba, que não possuía familiares ou herdeiros naturais. Do capítulo 5 ao décimo, há apenas uma referência – seria melhor dizer comparação – entre o **Rio de Janeiro e Paris e Londres**. Há também referências aos bairros do Flamengo e Santa Tereza, bem como **Maricá**, cidade de João Alves Bernardes, o “*João das pantorrilhas*”, personagem que utilizava capote e, como muitos à época, bengalão e, à noite, lanterna. Há passagens em que os “namorados de **Icaraí**” observam a lua e ao falecimento do padre Mendes, que era filho de **Saquarema**.

A geografia dos lugares, descritos por Machado de Assis, não poderia deixar de fora referências às ruas – muitas delas existentes no Rio de Janeiro de hoje – como a rua da Lapa, do Ouvidor, da Quitanda, o largo de São Francisco, o Catete e por aí segue.

Fora do contexto de **Barbacena/Minas** e do **Rio de Janeiro**, há referência aos que se formaram em Direito no **Recife**, em 1844, como o doutor João de Souza Camacho (cap. 57) ou que costumam subir à serra para passar uns tempos em **Petrópolis** (cap. 69). A geografia dos lugares está presente quando Palha (o “Zangão”) se mostra desejoso de visitar **Minas e São Paulo**, que não conhecia (cap. 59). Há ainda o hábito de ler o jornal *Atalaia* para saber a meteorologia, as nomeações do governo ou um assassinato em **Garanhuns**.

O personagem central da trama, Rubião, se ocupava em ir ao teatro, às sessões da Câmara, em leituras como de Dumas, com as “cenas da corte de **França**”. Ia a festas onde os cristais eram da **Boêmia**, a louça da **Hungria**, vasos de **Sèvres** e a aspiração grandiosa do título de Marquês de **Barbacena**, que escrevia “repetidas vezes” em uma folha de papel, um dos desvarios de Rubião. Sonho maior, todavia, que perpassa toda a obra, foi o de conquistar Sofia, esposa do Palha, por “seus lindos olhos” e desde a entrada do casal no trem em **Vassouras**.

Machado de Assis, à página 219, nos dá um exemplo de como “geografizou” os personagens do romance *Quincas Borba*: Fernanda nascera em **Porto Alegre** e casara com bacharel das **Alagoas**, Teófilo; Carlos Maria chegara ao **Rio de Janeiro** e, mais adiante, casara com uma moça de **Pelotas**, a Maria Benedita, seguida de viagem de navio para a **Europa**.

É bom alertar que este ensaio não visa sintetizar o romance da trilogia de Machado de Assis, mas apenas completar outro escrito em que a Geografia dos Lugares está presente sem que o leitor se dê conta. Deste modo, a ficção histórica machadiana percorre caminhos históricos bem enaltecidos pelo autor, e nesse escrito mostra-se que há também geografia.

Nota-se que o transcurso da narrativa, a geografia dos lugares passa praticamente sem ser percebida. Daí, o que transcorre na política da “Corte”, isto é, do **Rio de Janeiro**, possui personagens fictícias que procedem de lugares reais – de alguns Estados brasileiros.

Para não me alongar, remeto aos interessados nas histórias ficcionais de Machado de Assis para que leiam, a partir do capítulo 100, quando Camacho retorna de **Vassouras**, surgem as desventuras de Rubião e fascínio por Sofia, que o repele. Há, nesta altura, narrativas paralelas de outros personagens, que não chegam a encobrir os momentos de lucidez com os de insanidade que levam Rubião à loucura e à morte – que é narrada no cap. 200. Segue-se o final – cap. 201 – quando “três dias depois” morre o cão Quincas Borba, seu fiel companheiro e, com ele, fecha-se a história que, a partir de **Barbacena**, se conclui na geográfica e imperial **Rio de Janeiro**.

## A CORAGEM

Diego Mendes Sousa

Para Nélida Piñon

O difícil é a ponte  
atravessar a légua  
das distâncias

O difícil é a ponte  
ultrapassar a coragem  
e a brutalidade dos homens

O difícil é a ponte  
aterrissar em área  
estranha  
que é um outro  
mirante

O difícil é a ponte  
acelerar na força  
para guardar  
o sonho  
de ser  
permanência  
nas geografias

O difícil é a ponte  
horizontalizar os ângulos  
no descaminho das almas  
assombradas

O difícil é a ponte  
repetir o lado  
de um raio  
nas duas  
claridades

O difícil é a ponte  
o sol e as margens

Poema de Diego Mendes Sousa, em *O viajor de Altaíba* (Editora Penalux, 2019)

# UMA ADAPTAÇÃO COMPETENTE

Fernando Ferreira

Ação, em Herman Lima, assemelha-se a um “pretexto para descrição de traçado firme”, como bem assinalou Antônio Cândido. E a exuberância dessas descrições – em que ele se encanta e se permite frequentes transbordamentos de uma adjetivação eloquente e por vezes afetada domina toda a sua narrativa e o leva a não mais que uma rápida notícia sobre o envolvimento das personagens. Para o cinema, vários de seus contos contêm o germe do roteiro, como se fossem um primeiro tratamento sobre o qual coubesse posteriormente detalhar e substanciar informações, como a multiplicação de ações e o enriquecimento das biografias.

“Tigipió”, o filme, dedicado pelo diretor ao autor da história, terá tido a sua origem, quem sabe, no fascínio que esse descritivismo plástico pode ter exercido sobre um cineasta oriundo do documentário. Cearense, como Herman Lima, Pedro Jorge de Castro terá reconhecido no conto do conterrâneo também a oportunidade de um depoimento e a ampliação crítica da documentação de uma realidade geográfica e social que muito pouco se transformou desde a publicação, em 1924, da coletânea de contos que tirou o nome de uma fruta cor de ouro – tigipió – “tentação para as bocas sequiosas que passam”. A adaptação feita por Pedro Jorge de Castro na companhia de Carlos Alberto Ratton, com a colaboração de Ana Maria Baloch, seguiu muito de perto o original, enfatizando precisamente o conteúdo investigativo de crítica social, que não preocupou primordialmente Herman Lima. As personagens ganharam conteúdo mais nítido, especialmente a de Heitor, que se tornou no filme a figura central, uma espécie de deflagrador mais responsável da tragédia de Cezário e sua filha, por ser um dominador consciente e de má consciência, sensível apenas aos privilégios de sua origem burguesa. Este Heitor ganhou, na fita, uma intensidade contida, mas muito bem dosada, na interpretação de José Dumont, que soube assinalar a frustração da personagem de ter que trabalhar no sertão cearense quando tudo o que aprendeu de sua condição é que deveria estar em Paris. Dumont, um ator que o nosso cinema, – mas principalmente a infernal padronização televisiva – vem tipificando como o nordestino imigrado e marginalizado (ou marginal), fez do Heitor uma composição impecável, sutil, sem vilania, atento ao confronto fundamental de sua personalidade. Os roteiristas encontraram uma feliz alegoria para projetar a contradição da personagem na sequência da festa da padroeira, quando alternam o recital de um violinista perdido no sertão, a executar um importuno Sarazate, com o tocar de rabeça do indefectível ceguinho da paisagem nordestina.

A opção dos roteiristas pela análise mais nítida do comportamento do administrador

vivido por José Dumont acentuou, no filme, uma unidade temática de reflexão e denúncia social indispensável a uma obra que desejou parentesco com “Vidas Secas”, de Nelson Pereira dos Santos, do qual, numa cena, faz citação explícita. Cezário e sua filha Matilde permaneceram mais esquemáticos, porque sua história não difere muito da de todos os demais da coletividade, tiranizados pela seca, dependentes do trabalho na pedreira para não se conformarem só com a morte. Na verdade, todos são agentes passivos de um concerto de situações no qual Heitor sintetiza a opressão aliada aos elementos da natureza hostil para melhor subjugar.

Embora sem o primeiro lugar que lhe atribui Herman Lima em seu conto, a natureza é descrita pela câmara de Pedro Jorge com expressivo impacto visual ao mesmo tempo que se afirma com competente e sensível transposição de uma criação literária para o discurso cinematográfico, “Tigipió” incorporou algumas das melhores qualidades do visual do documentário em que antes se destacou o diretor. Com a participação de Miguel Freire na fotografia, Pedro Jorge de Castro fixou, no Ceará – em Itaiçaba, onde foi rodado o filme –, aspectos da realidade nordestina expressa tanto na violência da natureza submetida à seca, como na exuberância da paisagem após a chegada das águas.

“Tigipió” é uma demonstração da possibilidade da adaptação que guarda lembrança fiel do original sem violentar os méritos cinematográficos. Bem dirigido, reconstituído com apuro, o filme se mantém na cenografia, na montagem e oportuno na trilha musical. E o elenco – onde o destaque maior é mesmo para José Dumont – foi escolhido provavelmente com a mesma preocupação de fidelidade ao original que passa por todo o filme. Do Coronel Cezário pouco nos descreve Herman Lima, mas B. de Paiva o vive com identificação absolutamente conveniente aos propósitos do filme; e a Matilde, de Regina Dourado, parece bem uma síntese das muitas caboclas que o autor de “Tigipió” descreveu em suas histórias – trigueiras e sensuais, insinuantes e ingênuas, apaixonadas, com lume nos olhos “pra alumiar o caminho do amado”.

O filme não ousa além do que o próprio Herman Lima pretendia, embora, por viver um outro momento de criação, tenha aprofundado o social que o escritor enfocou em tom menor. Não estamos, é certo, diante de um filme que irá mudar o panorama do cinema brasileiro, seja pela novidade do debate ou pelo brilho particular da escritura; mas de um filme que soluciona com exemplar competência os problemas suscitados pelo desejo da adaptação fiel de um texto literário e que, nas telas, cumprirá bem a tarefa de revelar a muitos brasileiros um Brasil de que não suspeitam.

# SONETO DE EXTREMA CLARIDADE

João Carlos Taveira

“Estar com Cristo, mesmo que no inferno,  
é estar no Paraíso.” Padre Antônio Vieira

Vejam meu rosto na fotografia  
e sintam diferença no semblante  
que agora é mais ameno, mais tranquilo,  
porque em Cristo confio plenamente.

Estou muito feliz e não escondo  
a força que me vem da minha fé,  
que é base da vontade — por que não? —  
de ser melhor em tudo o que eu fizer.

Viver é isso, e nada tem segredo  
para quem ama e sabe perdoar  
a ingratidão sofrida neste mundo.

Àqueles que me ferem, me difamam,  
desejo paz, saúde e vida longa,  
até que vejam luz na escuridão.

Do livro inédito *do Instante*, a sair

# PESADELO

Joel Camara

A  
alma  
sangra  
no berço  
do milênio  
com o pesadelo  
da fome, miséria,  
e narcotraficantes,  
como lança na garganta,  
contra a humanidade,  
sem neutralidade,  
com exércitos,  
sem fronteira,  
sem piedade,  
sem espírito  
sem honra,  
sem amor,  
sem alma,  
sem corpo,

aliciando multidões de famintos,  
alimentados na lixeira do materialismo,  
religiosidade intolerante,  
paternidade  
irresponsável,  
desumanidade  
dos armeiros,  
omissão dos  
pusilânimes,  
entre os quais  
não está  
VOCÊ.

# UM OLHAR PARA A BULGÁRIA NA LITERATURA BRASILEIRA

Rumen Stoyanov

Continuação da página 1

## O PRESENTE DO EX-CZAR FERDINANDO

*A expedição de caça no Brasil.*

*Os novos exemplares raros no jardim zoológico.*

O ex-czar Ferdinando, durante sua estada no Brasil, empreendeu uma expedição de caça, que enriqueceu nosso jardim zoológico com exemplares bem raros do reino animal.

Uma parte desses exemplares foi comprada e também doada pelo ex-czar ao jardim zoológico.

Águia condor, um exemplar raro, pegado na expedição no Brasil.

Leão e leoa, jovens, comprados. O leão é da Abissínia, a leoa é do Senegal.

Dois leopardos, de seis e de dois anos. O mais velho é da África; o mais novo é do Palácio de Schombrunn, Viena.

Dois pequenos bufos, do Brasil. A caça desses bufos está proibida por uma lei especial no Brasil, por liquidarem muitos insetos. Ao ex-czar Ferdinando, com uma licença especial do Presidente da República Brasileira, foi permitido pegar dois exemplares, masculino e feminino.

Dois íbis, ave sagrada do Egito.

Turaco, pássaro africano, muito delicado.

Pássaro campainha – Brasil; estorninho do Chile, América.

Macaco-gato, um exemplar muito interessante.

Casuar australiano, da África.

Galinha selvagem, do Brasil.

Zebras, que cativam os olhos. A zebra é muito sensível. O gerente do jardim zoológico nos trouxe o seguinte fato interessante: uma hora antes do terrível terremoto em Plovdiv uma das zebras estava muito inquieta. Nada podia fazê-la deixar de dar cabeçadas nas barreiras. Ela morreu. Após uma hora aconteceu o terremoto.

Grous africanos, masculino e feminino.

Ave chaiá, do Brasil, algo entre peru e pombo. Raríssima.

Dois elefantes, macho e fêmea. A elefanta daqui a pouco há de parir. Eles estavam no Palácio Vrânia. Lá os usam para trabalho no campo. Foram transferidos ao jardim zoológico por causa do parto que está por ocorrer. A fêmea leva o pequeno na barriga 21 meses. Três meses antes do parto, ela tem leite. Por enquanto, esses dois elefantes são dos mais maciços na Europa.

Zebra, macho e fêmea, da África.

Lama, do Peru.

Com esses presentes valiosos o ex-czar Ferdinando enriqueceu muito o jardim zoológico, que agora conta com 1800 espécies.

Vou permitir-me um aparte algo inoportuno, mas de outro modo é pouco provável que volte a aparecer e tem a ver com os vínculos búlgaro-brasileiros:

## BÚLGARO CHEFE DA AVIAÇÃO NO BRASIL

*Quem é Penko Konov*

Do Rio de Janeiro comunicam que para chefe da aviação brasileira foi nomeado o búlgaro Penko Konov, com descendência das aldeias de Tarnovo.

*Agora ele é coronel da aviação brasileira.*

*Seus pais emigraram há muito ao Brasil. Konov nasceu no Brasil, casou com búlgara, também nascida no Brasil. Agora tem 45 de idade e conta com muito bom prestígio entre os pilotos da aviação brasileira.*

*Jornal Utrinna Pochta (Correio da Manhã)*

*Nº 1971, de 3/3/1934, cidade de Khaskovo*

A ida de Ferdinando serviu a Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) para escrever a crônica “Outra História”. No dia 24/3/1928 publica-a, na capital de Estado Belo Horizonte, o *Diário de Minas*. Não consegui achá-la, mas vai acompanhada pelo seu poema “Anedota Búlgara”, que iniciou a temática sobre a Bulgária na poesia brasileira. A peça está feita dentro do espírito do modernismo e com título modificado (“Anedota da Bulgária”); em dezembro daquele ano sai no número 8 da *Revista de Antropofagia*, um veículo importante da estética brasileira rebelde. A “Anedota” está incluída no primeiro poemário, *Alguma poesia* (1930), de Drummond, nas suas obras completas, traduziu-se ao búlgaro, espanhol, alemão, italiano, inglês, e Widemer Ernst compôs com ela em 1964 uma canção para voz masculina grave e piano. O texto está no disco de vinil *Juca de Oliveira recita Drummond e Vinicius*. A obra permanece única no decurso de meia centúria e a causa para essa escassez de motivos búlgaros é que poetas brasileiros não vêm à Bulgária. É por isso que devemos esperar a participação de Anderson Braga Horta (1934) num dos Encontros Internacionais de Escretores em Sófia (1982) para se inspirar com “Elegia de Varna” e “Perda”, cujo surgimento está marcado: 4/10/1982.

Entretanto, Nicola Sofran, provavelmente búlgaro bessarabiano ou descendente, edita um livro de poesia, mas desconheço o título e o ano, o que menciono aqui li-o numa edição nossa nos Estados Unidos. O caso levanta a pergunta a quem pertence essa categoria de criadores, à Bulgária ou ao Brasil, se a procedência deles é nossa e a língua não. O mais aceitável é considerá-los dentro das duas literaturas nacionais, uma ponte peculiar entre elas.

Semelhante é a situação de Rumen Stoyanov: em 1981 a editora carioca Civilização Brasileira oferece *Poemas no Brasil*, graças ao apoio financeiro do Instituto Nacional do Livro, organismo estatal que estimulava autores brasileiros. A coletânea contém uma seleção de coisas escritas em português e prefaciadas por Antonio Hohlfeldt, mais tarde vice-governador do Estado do Rio Grande do Sul. Como uma confirmação de pertinência à vida literária de lá, Stoyanov figura no *Dicionário de Escretores de Brasília*, de Napoleão Valadares, e nas antologias *Poesia de Brasília* e *Poemas para Brasília*, de Joanyr de Oliveira.

Em 2007 o Prof. Victor Tchutchkov dá um concerto de piano no Teatro Nacional, Brasília, o que motiva Joel Cavalcanti a escrever “Histórias de piano”. Não estou em condições de indicar onde saiu, porém em búlgaro apareceu no jornal *Literaturen glas* (*Voz Literária*), na cidade de Stara Zagora. Um pouco mais abaixo tenho que guardar, com tristeza,

a bandeira: não disponho de mais dados sobre tais incursões brasileiras.

Bastante (em realidade, relativamente) melhor estão as coisas na prosa. Em 1964 sai o primeiro volume de *Estranha ideia de um moço*, da autoria de Stefan Kintchev, bessarabiano em Cornélio Procópio, Estado do Paraná. Os dois seguintes datam de 1967 e 1969. Autobiográficos, os três tomos relatam o caminho do autor ainda na sua terra danubiana, a participação na Primeira Guerra Mundial e a sorte no Brasil, onde se estabelece em 1926. Kintchev é autor também de *Mensageiros, Salvos e perdidos* (dramatização natalina), *De tudo um pouco* (poesia), *Ida e volta da URSS* (1962), um poema longo sobre a visita, após 46 anos, à pátria.

Num círculo mais amplo da temática que nos interessa na poesia brasileira devemos mencionar também trabalhos dedicados a búlgaros. Outra vez constatamos uma escassez extrema: apenas dois, “Telex” de Braga Horta e “Um dia místico” de Márcio Catunda, relativos a Rumen Stoyanov.

Margarite Petkova (Margarita, com sobrenome de solteira Lechtova, de casada Khadjipetkova, sofiota de cepa macedônia) desde a Hungria em 1949 foge via Paris ao Brasil com um capital de 10 dólares. Lá ganha o pão como cosmética e o contato contínuo com mulheres lhe proporciona observações com base nas quais escreve dois livros, intitulados sintomaticamente *99 dicas de como conquistar e segurar seu homem* e *99 dicas de como conquistar e segurar sua mulher* (1992), conselhos aforísticos, acompanhados de desenhos humorísticos. Mas o primeiro livro dela, publicado pela Editora Hemus, São Paulo, é *Visagismo isométrico*, posteriormente reeditado como *Ginástica isométrica facial* (Agora, 1989, terceira edição). Sempre da pena dela, é *Tipologia da beleza – guia prático para saúde, beleza e alimentação* (Clip, 1978, Rio de Janeiro). *Episódios da minha vida* não sei se está impresso, em agosto de 1994 vi o manuscrito na casa de Petkova, me disse que o escreveu em alemão, tinha acabado escola alemã em Sófia, traduziu-o com a ajuda de outrem, e as caricaturas iam ser de Khristo Popov, que morou no Brasil.

Christo Boyadjieff é primeiro-secretário da Embaixada em Paris e de lá foge por razões políticas (não quer servir ao poder tomado pelos comunistas em setembro de 1944), fica no Rio, onde morre. São dele dois livros de perfil histórico: *Racovski – The Vanquished Socialist* (Rodna Zemja, ou seja Terra Natal, 1984, Rio) e *Saving the Bulgarian Jews in World War II* (Free Bulgarian Center, 1989, Ottawa); sendo ambos em inglês, incluo-os na temática búlgara na literatura brasileira com esta ressalva. Fora do objetivo direto destas linhas rapidíssimas, permita-se-me acrescentar que em 1966 aparece o poemário de Boyadjieff *Barqueiro* (Rodna Zemja), em búlgaro. De passo quero sacar mais um fato marginal: quatro editoras brasileiras são fundadas por búlgaros: Montanha, Hemus, Estação Liberdade (São Paulo) e Rodna Zemja (Rio de Janeiro).

Jorge (Gueorgui) Schpatoff é o indiscutível campeão quantitativo, com grande vantagem: tenho



Continuação da página 8

conhecimento de dezesseis livros seus e talvez já sejam ainda mais. Fugitivo da ditadura do proletariado, trabalha na Rádio A Voz da América, famosa durante a Guerra Fria, a ONU e o Vaticano o condecoram, dedica-se ao jornalismo em Curitiba, capital do Estado de Paraná. Eis alguns títulos de Schpatoff, eles falam por si sobre os conteúdos: *KGB, história secreta; Eu acuso a União Soviética; Como escapei da polícia secreta; Carta aberta a Stalin; Campo de concentração; A face invisível da espionagem; O comunismo ameaça a humanidade; Duelo entre espíões; Desigualdade no País Igualdade*. Alguns se referem a sua segunda pátria: *Brasil, país do presente; A lenda de Vila-Velha* (pelo visto, ficção).

Naida Popova Buckingham escreveu um livro sobre a Amazônia, porém nem o título sei, ainda menos posso dizer algo dele.

De 1997 é *Testemunho de um imigrante*. Deixa-o André Peticov (Andrei Petcov), pai do conhecido pintor Antônio Peticov. Autobiográfico, o texto recria as vivências do bessarabiano, que da aldeia natal, Korten, chega à megalópole de São Paulo.

A Jorge Cocicov devem-se dois volumes impressionantes com pesquisas sobre nossos bessarabianos: *Imigração no Brasil. Búlgaros e gagaúzos bessarabianos* (2005, 430 páginas) e *Imigração búlgaros e gagaúzos bessarabianos “romenos” Brasil Uruguai* (2007, 726 páginas). Abundantemente munidos de árvores genealógicas, fotos, memórias e até canções folclóricas, os levantamentos de Cocicov representam uma enciclopédia *sui generis* acerca dos búlgaros bessarabianos na América do Sul. Os três, Kintchev, Peticov, Cocicov, sem pretendê-lo dum modo coordenado, mediante seus seis livros formam um núcleo literário que corresponde à importância que têm os bessarabianos numericamente, entre os outros grupos de emigrantes nossos lá: macedônios, armênios, judeus.

*A Bulgária – autogestão e socialismo* (Alfa e Omega, 1989, São Paulo), um livro da perestroika, é do jornalista de assuntos internacionais Ivan Godoy, que visitou várias vezes nosso país.

A Universidade de Brasília editou *Drummond e a Bulgária* (2007, 294 páginas), um trabalho de Rumen Stoyanov sobre literatura comparada, que estuda os nexos do poeta com a nossa terra, a recepção da sua obra aqui; dá-se acesso a mais de quarenta cartas inéditas do magno criador, delas trinta e sete a Stoyanov.

De acordo com Cocicov, o bessarabiano Sava Ghencev narrou *História da minha vida* (concluída em 1989?), sem publicar. O mesmo há de se dizer a

respeito de Nair Maria de Oliveira, também de origem bessarabiana, e seu *Mais que vencedores*. Se esses títulos saíram, eles não mudam o quadro geral, só o ampliariam no sentido autobiográfico.

A Bulgária também cultiva temática brasileira e numa oportunidade vou considerá-la, aqui apenas quero que o leitor não fique com a impressão errada de falta de interesse pelo país-continente. Ele é verificável já a meados do século XIX, naquela altura na imprensa da Renascença búlgara encontramos publicações sobre o Brasil, a mais antiga a que pude dar data de 10/2/1851 (“O Imperador do Brasil é de origem alemã”), número 35 do *Tzarigradski vestnik* (*Jornal de Constantinopla*). Em 1902 em Sófia a tipográfica do Congresso Liberal lança *Brasil*, 26 páginas com quatro ilustrações; a brochura é prêmio da revista *Priroda* (*Natureza*).

Agora recapitulemos o exposto. Se a conta, qualitativamente, é boa (perto de 40 livros, ainda que só parte deles toquem na Bulgária), tenho que anotar que apenas três nomes dos que exerceram temática búlgara pertencem ao alto nível das letras brasileiras: Drummond, Campos de Carvalho, Braga Horta.

O que ficou por comentar acerca desta temática, inventariada através do que me foi possível resgatar? Surge bem tarde, se partimos do desejo de estarmos lá quanto antes; adianta-se relativamente a países onde deveria já existir na literatura de ficção, a julgar pela nossa proximidade geográfica com eles: Portugal, Espanha. Do ponto de vista dos gêneros literários vemos poesias, poema longo, crônicas, drama, documentalismo autobiográfico, romance, pesquisas, literatura comparada, humorismo, cosmética aplicada... Devo sublinhar um fato duplamente sintomático: tanto na poesia como na narrativa o primeiro a introduzir a temática búlgara nas letras brasileiras é Drummond, nem mais, nem menos, e o faz simultaneamente com a crônica “Outra história” e o poema “Anedota búlgara” (24/3/1928). Ou seja, o pioneiro da temática búlgara na literatura de ficção dos brasileiros é aquele mesmo que muitos deles assinalam como seu maior poeta de todos os tempos. Os méritos dele, porém, não se esgotam com o anterior. Na coletânea de crônicas *João Brandão* (primeira edição 1970, José Olympio) está “O importuno”, baseada na partida de futebol entre a Bulgária e o Brasil em 1966, quando um jornal acolheu o texto. No *Jornal do Brasil* (13/11/1975) Drummond escreve a crônica “O assunto é vário”, que se inicia com “Já a Bulgária nos trouxe Rumen Stoyanov (...)”.

Uma parte insignificante das obras que integram a citada temática está acessível para nós em

traduções: “Anedota búlgara”, “Elegia de Varna”, “Telex”, “Perda”, “Histórias de piano”; agora é a vez de *O Púcaro búlgaro* de Walter Campos de Carvalho. Mineiro, pois nasceu no Estado de Minas Gerais, jurista por formação e profissão, lega uma obra limitada, para uma vida de oitenta e dois anos (1916-1998): sete livros, mais exatamente cinco, porque dois, ensaios humorísticos e romance, ele renega. Seu valor na literatura nacional se determina por *A lua vem da Ásia* (1956), *Vaca de nariz sutil* (1961), *A chuva imóvel* (1963) e sobretudo *O Púcaro búlgaro* (1964), posteriormente dramatizado. Os críticos colocam-no entre o melhor da narrativa absurdistasurrealista no Brasil. Os amantes de escritos humorísticos também apreciam altamente esse romance diário, que não obstante a abundância de jogos de palavras é engolido com uma facilidade agradável, riso e prazer. Sim, é uma cimeira naquelas letras sul-americanas, mas pode provocar uma melindrice em leitores búlgaros: como é que o protagonista vai gastar gracetitas a expensas da Bulgária, pondo em dúvida se ela existe, como assim alguém vai desencadear suas zombarias e imaginação por conta nossa? E se fazemos a mesma coisa em sentido contrário, insistindo que o Brasil e os brasileiros não existem, será que eles vão adorar, hem? Ignoro se vão adorar, porém Drummond há muito se adiantou à gente, declarando, por motivo de *O púcaro búlgaro*, sem a menor piedade: “Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?” Além disso, Campos de Carvalho com uma penada apaga o Estado do Ceará, cuja área supera a nossa, 146.348 quilômetros quadrados, para que vejam aqueles sambistas como é que dói e nós sentirmos um alívio patriótico. Pessoas indignadas que fiquem tranquilas: a suspeita de não ser cai igualmente sobre o Canadá, bem maiorzinho, com seus canadenses, homens, mulheres, criancinhas.

Não precisamos de consolo. Pois a pior negação é a omissão absoluta; contudo chamo a atenção para que a brincadeira com a in/existência da Bulgária está caprichada louvavelmente com um humor dos mais inofensivos, tocando carinho, e que dificultaria o trabalho de cada tradutor experimentado, a começar pelo título. No original ele é um cruzamento acertado entre onomatopeia e parônimos: *O púcaro búlgaro*. Não esteve ao alcance das minhas forças fracas adaptar-lhe um equivalente digno, porém *grank* (púcaro) é quase *gram* (trovão) e a Bulgária/os búlgaros não só existe, apesar dos pesares de Campos de Carvalho, mas tropeja, que tropeja.

## MANEIRAS CRIATIVAS DE DIVULGAÇÃO LITERÁRIA

Glauber Vieira Ferreira

O suporte mais conhecido para a difusão de textos literários é o livro. Porém, outros suportes têm se revelado ao longo do tempo diferentes e eficientes no sentido de divulgar obras literárias diversas.

Na obra *Literatura na criação de Brasília*, de Ézio Pires, editada em 1999, o autor nos fala de um projeto chamado Guardanapos Literários, em que tais objetos circulavam por bares de Brasília na década de 70.

Mais recentemente, objetos como camisetas, ímãs, marcadores de livros, adesivos e até sacos de pão são utilizados para divulgar textos curtos,

geralmente de poesia. Em relação a adesivos, as prefeituras gaúchas de Santa Rosa, Gravataí e Porto Alegre promovem há alguns anos um concurso literário anual em que são selecionados poemas para serem impressos em adesivos e colados nos ônibus municipais.

Já em Blumenau (SC) o concurso se chama Pão e Poesia, e o objetivo é selecionar textos e imprimi-los em sacos de pão, que são usados para esse fim em orfanatos e asilos da região.

Todas essas iniciativas são de baixo custo, tanto para o autor como para o leitor, que eventualmente

pode não ter condições de adquirir um livro naquele momento.

Além disso, é possível produzir uma quantidade maior desses objetos, o que amplia o alcance dos autores, podendo gerar interesse de pessoas que não teriam acesso a sua obra de outra forma.

Sacos de pão, por exemplo, custam uma média de 5 centavos a unidade. Mil saquinhos desses custariam, portanto, apenas 50 reais, e com esse investimento o autor veria sua obra entrar nos lares de um bairro inteiro.

# MANOEL HYGINO DOS SANTOS, UMA LEGENDA DE MINAS GERAIS

“A leitura é uma tarefa confortável, solitária, vagarosa e sensual. A escrita costumava compartilhar algumas dessas qualidades.” (Alberto Manguel, “Os livros e os dias”, Prefácio, p. 11.)

Danilo Gomes

Colaborador do “Jornal da ANE” e membro, desde 2007, da Academia Mineira de Letras (presidida hoje pelo dinâmico Rogério de Vasconcellos Faria Tavares), e de outras congêneres, Manoel Hygino dos Santos nasceu em Montes Claros, MG, cidade natal também de Cyro dos Anjos (1º Presidente da ANE), Waldemar Versiani dos Anjos (irmão de Cyro), Artur Lobo, Hermenegildo Chaves, Newton Prates e Darcy Ribeiro. Na Academia Mineira ele ocupa a cadeira nº 23. Há anos mantém coluna diária no jornal *Hoje em Dia*, de Belo Horizonte, onde sempre destaca o trabalho dos nossos confrades da Associação Nacional de Escritores-ANE, da Academia Brasileira de Letras e do IHGDF. Foi colaborador de diversos jornais e revistas em Minas, Rio de Janeiro e outros estados. Prestou também serviços ao Governo de Minas Gerais, no tempo do Governador Israel Pinheiro. Jornalista, escritor, historiador e biógrafo, nosso autor, nascido em 1930, é incansável, um legítimo e intímato guerreiro.

Antes assessor de imprensa, nosso autor passou a ouvidor da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, onde é o editor do *Santa Casa Notícias*. Nessa trincheira, pesquisou muito e nos deu recentemente três livros: *Nonô do Tijuco – Pioneiro em Urologia* (sobre Juscelino Kubitschek de Oliveira, futuro fundador de Brasília), *Nereu de Almeida Junior – O Homem e a Medicina e 120 Anos da Santa Casa – BH – Uma história de amor à vida*. Todos muito bem ilustrados, com fotos raras.

Cultor da História e formado em Direito, Manoel Hygino mergulhou fundo nas noites brancas da Rússia, nos mistérios de Moscou e de São Petersburgo, e de lá saiu com a trágica figura dostoiéwskiana de Rasputin, o monge lúbrico e desvairado que ludibriou a família imperial, na porfia de curar o doentio herdeiro do trono, o Czaréviche, que sofria de hemofilia. Assim, mestre Hygino publicou, em 1970, o livro *Rasputin, último ato da tragédia Românov*, que estou relendo depois de muitos anos. Fascinante.

Rasputin é um apelido; significa lúbrico, dissoluto. Nasceu nas frias estepes da Sibéria. Seu verdadeiro nome é Grigóri Efímovitch Novi. Infrator de todas as leis, mulhengo, bebedor de todas as tabernas, sem códigos de ética, vaidoso e violento. Chegou a ter muita influência e poder na corte do Czar. O falso monge milagreiro acabou vítima de uma conspiração eclesiástico-palaciana e foi assassinado a tiros pelo príncipe Yussupoff. Pouco tempo depois, a monarquia caiu e a família imperial foi fuzilada nos porões da ditadura dos bolcheviques de Lênin. História é História, lenda é lenda. Publique-se o fato

histórico. Quando no terreno da literatura, da poesia, da fantasia, da aventura e do surrealismo, publique-se a lenda.

Também turbulenta foi a vida do Presidente Getúlio Vargas, que redundou na tragédia de 24 de agosto de 1954, no Palácio do Catete, Rio de Janeiro. Aquele tiro no peito ressoa e reboia até hoje no Brasil. Nos tempos do Governo José Sarney, conheci no Rio sua filha e assessora Alzira Vargas do Amaral Peixoto e seu marido, o comandante Amaral Peixoto, político do PSD amicíssimo de JK. Manoel Hygino nos trouxe da campanha e das querências gaúchas a figura romanesca de Getúlio Dornelles Vargas, nas 134 páginas de *Vargas – De São Borja a São Borja*, de 2009. No início da obra lemos: “Homenagem à Academia Mineira de Letras, centenária, Associação Nacional de Escritores-ANE, cinquentenária em 2010 Academia Montesclarensense de Letras e Academia de Letras, Ciências e Artes do São Francisco. E a todos os que contribuem para dar ao cidadão a verdadeira imagem deste país.” Obrigado a você, mestre Manoel Hygino, nobre cidadão.

Nosso autor dirigiu, em Belo Horizonte, *O Diário* e a revista *Manchete*, dos Bloch. Editou também a *Revista da Academia Mineira de Letras* e hoje integra o seu Conselho Editorial.

Seu livro *Considerações sobre Hamlet* é considerado pela crítica um dos mais importantes trabalhos sobre a totêmica obra de Shakespeare, no campo da ensaística e da pesquisa.

É extensa a bibliografia do nosso consagrado autor. Além dos livros já mencionados, são de sua lavra os seguintes: *Vozes da terra* (contos e crônicas), *Governo e Comunicação*, *Hippies, protesto ou modismo*, *Sangue em Jonestown, uma tragédia na Guiana*, *No rastro da subversão*, *Darcy Ribeiro, o ateu*, *Notícias via postal*, *Encontro de Brasília*, *Uma mensagem de esperança*, *Israel Pinheiro, cidadão e homem público*, *Uma história do pioneirismo em Minas Gerais*, *A voz do espírito e do coração da gente mineira*, *Reverência pela vida: a pediatria em Minas*. Às vésperas de completar nove décadas de fecunda, profícua e exemplar vida, Manoel Hygino dos Santos, também modelo de modéstia e de cavalheirismo, não para de trabalhar na seara do jornalismo, da literatura e da História.

Com este artigo, tenho a satisfação e a honra de homenagear um escritor ilustre e grande incentivador dos associados da ANE ao longo de décadas. Estou certo de que o Presidente Fabio de Sousa Coutinho e nossos confrades, também em pé, como o articulista, aderem à música coral destas justas palmas ao veterano mestre mineiro. Muito gratos lhe somos por tudo, Manoel Hygino dos Santos!

## O FRADE E A FREIRA

José Augusto de Castro e Costa

Vê bem, no horizonte, amor:  
Dois morros ali estão, como por magia!  
Parecem contritos... graves... A exultar  
[alegria  
Dois vultos brandos – um esplendor!

Em diálogo – ou monólogo – fervoroso,  
Um aparenta ao outro fascinar.  
E à vista do mundo, um ao outro  
[admirar,  
Num cenário sublime, sutil, maravilhoso.

Este é o FRADE... aquela a FREIRA.  
Vê bem como este parece sondar aquela,  
Reverenciando o belo estampado nela,  
Em veneração absorta quanto verdadeira.

Se esses dois morros fôssemos, amor,  
E ali estivéssemos, como por encanto,  
Bem no coração do Espírito Santo,  
A confortar a terra no ápice da dor...

Que quadro maravilhoso veria o mundo,  
Ornado por ti, por mim,  
Por nosso amor tão belo  
Quanto mais profundo!

## HELIOTRÓPICOS

José Hélder de Souza

Grave é o destino dos pássaros.  
Acordados pela aurora, cantam  
assustados pelo rubor dos ramos incendiados.  
Aquecidos, voam e pousam  
junto ao fruto desejado,  
às sementes das urzes da campina,  
enamoram-se e cantam à beira  
das águas claras do açude.  
Assim seguem seu dia  
acompanhando o sol no seu fulgor  
e só se aquietam e calam  
quando as sombras se adensam  
nos desvãos das matas e das serras.

# A SEGUNDA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

Ana Paula Arendt\*

Acho curioso esse receio que as pessoas escondem ao ignorar os efeitos colaterais do narcotráfico e culpar a polícia; sobretudo as que moram nessas zonas geográficas críticas preferem optar por discursos brandos. Talvez para não se indispor com os vizinhos? Isso é medo.

É meio óbvio que a violência ocorre entre quem não tem direito a ter uma arma de guerra, para controlar a vida do cidadão excluído, e entre o Estado, que todos detestam. Vivemos uma sociedade que não age nem pensa coletivamente; abraça o problema, a permanência da realidade dilacerada. Porque foi assim, supõem que deve continuar assim... Por que não construir melhor diálogo com as autoridades? E por que as autoridades não buscam, também, um melhor diálogo com a sociedade, deixando de culpar civis e oponentes políticos por um crime?

Há mais de 5.500 municípios no Brasil. Um Chefe de Estado Maior deveria começar nos dois primeiros anos evacuando civis, famílias e crianças, de zonas de conflito armado, para lugares de maior dignidade e segurança, realocação com emprego e morada simples, com um planejamento de inclusão social nas cidades; uma mobilização nacional coletiva. Sim: 1 milhão e 400 mil habitantes residem em favelas no Rio de Janeiro. É possível. Temos mais de 11 mil paróquias, sem contar as demais igrejas de outras confissões que também desenvolvem serviços de utilidade pública. Há organizações da sociedade civil que se prestam a fornecer serviços sociais; cada cidade tem pelo menos um Rotary, Lion's Clubs dentre outros. Quem não gostaria de contribuir para resolver definitivamente o problema das favelas no Rio de Janeiro, o cartão postal do Brasil? Cada paróquia no Brasil, nessa hipótese, apenas teria de se preocupar em alocar e receber cerca de 130 pessoas.

Quando o povo brasileiro se recusou a receber retirantes, quando deixou de abrir os braços a alguém em uma situação limite? Se recebemos e realocamos venezuelanos refugiados com carinho, não hemos de fazer o mesmo com o nosso compatriota? Se não há forças armadas suficientes, então por que não recrutamos o dobro? Afinal, o gasto que temos em função da violência, da instabilidade social e da perda da vida de uma criança é infinitamente maior do que qualquer esforço conjunto.

E, nos dois anos seguintes, um Chefe de Estado Maior deveria ser bem mais duro: total reflorestamento dessas áreas. Não dá pra ser país de Primeiro Mundo e achar normal e turístico ter favelas. Também não dá pra

ignorar que a favela virou uma fronteira com outros países, pois de onde vêm os fuzis? Eis um problema que pode virar questão mais grave de Defesa de fronteiras, dentro do nosso próprio território, se continuarmos não agindo.

As pessoas que foram ali amontoadas há mais de um século merecem mais atenção e uma vida mais digna. Sem dúvida eu gostava muito do bairro em que eu morava quando criança, mas se mudar para um lugar onde não se ouvem tiros no final de semana e onde não há toque de recolher é preferível para qualquer família.

Isso nada tem a ver com liberdade, com ser negro ou com a pobreza, mas com cidadania e cultura. Aqui nesta região da África onde resido, todos são livres, negros e há pobreza, mas as pessoas vivem com música e tranquilidade; ao se mudar de residência, as pessoas levam sua cultura familiar junto; prestam solidariedade mútua em tempos de escassez. E só o Exército anda com fuzil na rua.

Se a madame vai sofrer sem empregada? Ela poderá perfeitamente aprender então como é Nova Iorque: que limpe a própria casa dela. Que lave a roupa no serviço de lavanderia, por uns trocados, como existem lavanderias em Londres. Em Genebra, fazer as unhas custa 60 dólares, 240 reais. Em Lisboa e em Paris, apenas hotéis têm porteiros, e olhe lá: edifícios contam apenas com porta elétrica, câmeras do proprietário, ou chave. A madame poderá aprender a fazer as próprias unhas, também, a limpar e passar uma base, a ler um livro. Todos podem se acostumar a não ter mais escravos sociais, porque isso é ser desenvolvido.

Nenhuma criança brasileira deveria ser obrigada por sobrevivência de sua família a morar em uma favela. Com todo o orgulho e respeito que eu tenho à nossa própria diplomacia, ao heroísmo de muitas pessoas que trabalham contra a degradação da qualidade de vida nas favelas, acabar com essa situação de submoradia seria muito mais importante do que o Brasil entrar na OCDE e fechar grandes acordos comerciais, pois isto não resolverá o nosso problema de subdesenvolvimento, de exclusão social.

De que adianta ser membro da OCDE, se você abre a janela e vê esse tipo de tragédia, se você abre o jornal e lê sobre milhares de mortes de jovens, sobre pessoas sem acesso a serviços básicos, sem proteção da polícia nessas áreas? Como é que posso escrever sobre o que é ser brasileiro, sobre a nossa identidade, dourando, louvando e conferindo *glamour* estatutário a problemas que podem ser resolvidos, diante de uma família crucificada que teve de enterrar uma criança?

## DOIS POEMAS

João Moita (\*)

\*\*\*\*

O mundo é a tua vigília.  
Levas milénios acordado,  
velando a tua esperança.  
Velas, teus acólitos seguram  
as tuas pálpebras.  
Esperas o impossível:  
que se erga da terra  
um rumor que embale.

\*\*\*\*

Privo-me,  
vivo por inteiro a minha vida  
mitigada pela fome.  
Quando vieres,  
a minha fraqueza será sinal  
para o teu reconhecimento,  
e o meu silêncio,  
um céu para a debandada  
dos teus ventos.

(\*) Nascido em Alpiarça, Portugal (1984) e vive em Lisboa. É escritor e tradutor, tendo publicado, entre outros, *O vento soprado como sangue* (2009), *Miasmas* (2010) e *Uma pedra sobre a boca* (2019).

## POR ENQUANTO

Antônio Carlos Santini

Só por enquanto, estamos de passagem  
Por entre a Criação com seu encanto,  
E nós gostamos... E gostamos tanto,  
Que até vamos cantando na viagem.

Só por enquanto, perde-se a bagagem  
Se a noite nos envolve com seu manto:  
A escuridão espalha susto e espanto  
E os ciprestes agitam a ramagem.

Só por enquanto, vamos passo a passo,  
Compartilhando os risos e o cansaço,  
Erguendo em contraponto o mesmo canto...

Alguém dirá que tudo é mero sonho,  
Entre manhãs de sol e um céu medonho,  
Mas nós sabemos que é só por enquanto...

\*Ressalva: os trabalhos sob o pseudônimo Ana Paula Arendt pertencem ao universo literário, refletem ideias e iniciativas da autora e não necessariamente posições oficiais do Governo brasileiro. Estes trabalhos literários buscam estar em consonância com os valores e princípios da Política Externa Brasileira relacionados ao diálogo, à dignidade humana, ao desenvolvimento e aos direitos fundamentais do indivíduo. A autora está sempre aberta a sugestões e críticas.

# ENTRELAÇADO EM AZUL

Gilmar Duarte Rocha

Saio numa manhã de sol opaco pelas carreiras neventas da grande cidade sombria. Os prédios incolores se entrelaçam nas nuvens cinzentas e um frio dolorido invade a minha alma.

Dobro duas esquinas e procuro pelo Al Gourmet, que ficava bem próximo ao museu de cera de madame Barthez.

Vejo o museu em escombros, em processo de demolição, onde um grupo de operários de uma empresa de longos guindastes esmaga o velho prédio com um furor impressionante.

Vejo placas de madeira com palavras sem nexos na porta de entrada do subsolo do velho prédio onde funcionava o Al Gourmet.

Atravesso as teias de aranha entrelaçadas na porta de ferro cru sem sentir-lhes a maciez.

Vejo ao fundo, onde ficava o balcão americano, um monte de maltrapilhos, andrajosos e disformes, sentados lado a lado, compartilhando um enorme cigarro de erva vagabunda e mal curada.

Mais ao fundo, nas prateleiras, algumas garrafas vazias de uísque e de rum ainda persistem. O velho pôster da Torre Eiffel permanece colado à prateleira lateral. Os dândis e as *moiselles* que circulam em volta da base do velho monumento parecem zumbis e fantasmas desbotados.

No outro lado do bar, onde mesinhas se espriam em torno de um pequeno palco em forma de queijo, em que outrora pessoas das mais diversas classes, mas de gosto musical uniforme, sentavam-se à espera da eficiente banda de jazz, jaz agora apenas uma cadeira quebrada. A semiescuridão permeia em quase todo o ambiente, contrapondo com a luz tênue, multicolor e magnética dos tempos em que eu frequentava aquele lugar.

Mas a figura que imaginava encontrar ali, não estava: Louise. A minha Louise. Quantas vezes trocamos olhares, carícias, juras de amor, sopros cálidos no pescoço, ouvindo o estilhaçar dos metais do som de New Orleans. Depois, às altas horas, quando sobrava um pouco mais de espaço no salão, levantávamos e ensaiávamos passos em perfeita sincronia.

Ao raiar do crepúsculo, saíamos extasiados pelas ruas mortas e íamos parar invariavelmente no velho hotel de três andares, na rua lateral à grande avenida.

Amávamos enquanto a nossa alma atendia, porque o corpo há muito já dera sinal de cansaço. E dormíamos e amávamos e dançávamos e bebíamos e dormíamos e amávamos...

Saio do que restava do Al Gourmet com a alma ainda mais despedaçada.

Rodo sem sentido uns quatro quarteirões e vou parar numa ladeira íngreme, declive em quase noventa graus, cujo final vai dar numa murada que delimita a baía.

Chego à murada e contemplo a vastidão bronzeada do mar. Não vejo gaivotas, albatrozes, nem barcos, nem iates. Só vejo enormes ondas despejando detritos disformes na areia de cascalho logo abaixo da murada.

Olho para um lado próximo do pé do muro e vejo um braço brotando do arenoso e os dedos das mãos balançam, acenam como que pedindo ajuda. O resto do corpo está imerso na areia. E me lembrei de Louise, exatamente no dia em que velejávamos tangenciando a costa verdejante; completamente nus em cima do convés, trocando beijos calorosos sob o auspício de um

sol abrasivo e um céu azul diamante completamente isento de nuvens.

Chegando perto do cais, o tempo mudou repentinamente, as ondas tornaram-se bruscas e revoltas, perdemos o controle do barco, que ficou à deriva durante muito tempo. E uma chuva fina e intermitente pairava sobre nossas cabeças e numa das piruetas da embarcação batemos contra um recife e minha amada foi arremessada ao mar e eu entrei em desespero.

A chuva cortante associada a uma bruma pesada atrapalhava a minha visão; corria como barata tonta de um lado ao outro do barco, tentando enxergar a moça. De repente vi um braço branco estendido para fora do vagalhão: era ela. Urgia que eu pulasse na água e eu pulei. Busquei forças no âmago e nadei furando as vagas e os turbilhões com a mira fixa no braço branco que parecia desaparecer cada vez mais no revés daquele turbilhão...

– Louise, Louise! – grito e depois pulo o alambrado de cimento, despencando na areia. Corro desesperado até o ponto onde o braço balança na areia como um pêndulo.

Puxo o braço com força e não consigo alavancar o corpo um milímetro sequer. Torno a puxar com mais força e o braço se desprende. Solta-se do corpo! Mas isso não é um braço. É uma cruz, um madeiro. Fico alucinado. Pego a cruz e corro feito louco pela areia de uma praia que parece nunca ter fim.

Ao longe, já escurecendo, vejo uma estreita restinga que liga a costa até um lugar encravado num imenso penhasco. Corro com todos os pulmões até esse lugar procurando não olhar para trás, pois atrás vem um turbilhão de água encobrindo a restinga e me isolando cada vez mais da cidade vazia.

Acima, o céu clareia; mil luas despontam no firmamento; um grito dilacerante ecoa de sul a norte.

Então vislumbro um castelo no alto penhasco e o castelo me remete à Alsácia-Lorena, mais precisamente na fronteira entre a Alemanha e a França, o lugar onde eu encontrei Louise pela primeira vez. Ela, mulher do embaixador do Brasil na França, em regime de férias naquele paradisíaco lugar. Eu, um mero escriba, perdido nos quarenta e poucos anos, cheio de incertezas, bem como de esperanças. Correndo o mundo em busca de alguma razão de viver. E a razão de viver havia chegado: Louise. Sim. Amor à primeira vista! Aconteceu! Sim, aconteceu e como aconteceu.

Amamos enlouquecidamente em todas as plagas da velha Gália. Dos Alpes à Normandia; da Riviera à Alsácia. Isle de France. Paris. O Sena. Quartier Latin. O Al Gourmet.

Mas, um triste dia, fomos descobertos. Estupraram o nosso amor. Fui banido da França. Enxotado. Expulso como um rato contaminado pela praga do Oran de Camus. Com muita dificuldade consegui voltar ao meu país. Estava realmente contaminado: contaminado de amor.

Escrevia cartas, poemas, loas, odes e enviava à minha amada na França. Não sabia se ela recebia as missivas; mas não me importava, continuava contaminado e inspirado. Construí um poema em versos alexandrinos de mais de duas mil páginas. Enrolei-o em forma de papiro e o remeti para a embaixada na França, tendo antes o cuidado de camuflar o nome do remetente como sendo a primeira dama da República do Brasil, que em sinal de amizade à embaixatriz, mandava-lhe cortes de fazendas de raro primor.

O ardil deu certo: um mês depois recebi uma carta dela prometendo-me um encontro no verão que estava por vir. Contei religiosamente os milhares de minutos até a chegada dela em Cartagena.

Amamos como loucos; como animais – nas pedras, na relva, na sombra das palmeiras, no leito da água verde de corais, no quiosque de telhado de palmeira seca de mestre Azulou, ao som dos atabaques crioulos, dos cânticos dolentes.

Numa noite quente após um louco amor ardente, acordei e não vi Louise. Não a veria mais desde então. Acordei desesperado e saí arrombando a porta da cabana. Sob o calor escaldante e o mormaço da madrugada, deparei com quatro figuras sinistras, no meio de uma aleia escura repleta de palmeiras. Eram criaturas vis, nativos celerados, de paus e porretes nas mãos armados. Senti o primeiro braço subir e minha visão começou a ficar escura; meu corpo a tremer, tudo se apagou. “C’est l, ambassadeur”, a última frase que ouvi.

Quando chego à porta do castelo no topo do rochedo vejo dois querubins batendo as asas como colibri. A porta pesada abre-se automaticamente. O interior do castelo é idêntico ao da Alsácia: muitos candelabros de luzes de velas multicores; paredes sólidas de pedras largas e ásperas, de um marrom achocolatado, que se transmuta em ébano quando é visitado pela luz solar. Adentro no castelo e sinto um frio mortal, cortante. Vejo ao fundo a longa escada sinuosa que dá acesso ao pavimento superior de quase cem camarinhas. Não vejo Alberto, o mordomo italiano, de largo sorriso, careca vasta e olhos verdes reluzentes; sempre com uma taça do melhor vinho francês na mão. O grande cupido do nosso *affair*. “S’il vous plaît, monsieur”. Grande Alberto! Sempre levando recados do castelo até o albergue onde eu me instalava. E vice-versa.

Subo a escadaria, cujo corrimão parece distanciar-se à medida que demando apoio na subida. Olho para os degraus e os vejo ficar cada vez mais estreitos. Tenho que andar nas pontas dos pés. Dez horas depois chego ao corredor principal de mais de vinte quartos. Ao fundo, o quarto de porta lilás, que eu costumava assaltar nas noites frias em busca do calor terno de minha amada. Abro a porta e vejo o dossel outrora forrado com lençol de seda vermelha e dourada. O ninho do amor continua inalterado. Mas ela não se encontra.

De repente o piso de madeira lustrosa do castelo começa a tremer, e os tacos a se soltar, e o chão a se abrir, e um vácuo imenso aparece debaixo de mim e eu caio no buraco abissal. Desço flutuando numa cratera de uma escuridão sem fim; desço; desço e caio e num monte de terra fofa, escura, cheio de estrumes. Fico deitado, estático, com a cabeça ereta olhando o vazio de terra acima de mim.

Eis que de repente o muro de terra acima parece se abrir e vejo finalmente Louise, com os olhos tristonhos, a face pálida, embora mais linda do que nunca. E pela primeira vez enxergo cores – o vestido estampado de Louise; os seus longos cabelos loiros; a relva verde bem torneada que cerca o lugar onde ela encontra-se ajoelhada; a sua mão de tez branca como neve sem o anel do compromisso conjugal; e na outra mão um buquê de flores amarelas, vermelhas, brancas, azuis... E ela deposita as flores na laje fria sete palmos acima de mim...